



## ENSINO DE GEOGRAFIA COM APOIO DE ACERVOS BIBLIOGRÁFICOS DE ESCOLAS PÚBLICAS: uma experiência com estudantes de Pedagogia

Edna Telma Fonseca e Silva Vilar  
ednatelma@yahoo.com.br

---

Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói/RJ e Doutoranda em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professora da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Avenida Júlio Marques Luz, 81. Bairro Jatiúca. Maceió/AL. CEP 57035-700.

Maria das Graças  
Marinho de Almeida  
mgmarinho@uol.com.br

---

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professora da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Rua Abdon Arroxelas, 1023, Bairro Ponta Verde. Maceió/AL. CEP 57035-380.

### RESUMO

Este texto apresenta discussões concernentes a uma vivência pedagógica experienciada na disciplina Saberes e Metodologias do Ensino de Geografia, no curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas. A vivência foi pautada na articulação da teoria e da prática, focando a discussão nos aspectos geográficos e possibilidades de trabalho na sala de aula a partir de livros que compõem os acervos bibliográficos existentes nas escolas, oriundos de políticas públicas governamentais, de modo a contribuir com a produção de saberes nesse espaço tempo-formativo. Os dados foram constituídos com base nas exposições orais e registros avaliativos, sendo as apreciações agrupadas em um conjunto de três categorias, a saber: mobilização de saberes para a docência em geografia; acuidade na articulação teoria-prática; e possibilidade de pensar o futuro no presente. Avalia-se que o uso dos livros do domínio literário e a leitura dos artigos de fundamentação teórico-metodológica, propiciaram aos estudantes rever suas concepções de geografia e de ensino e aprendizagem. Além disso, destaca-se a necessidade de que o professor deve estar familiarizado com as políticas educacionais, conhecendo os materiais por elas produzidos, um saber considerado importante, sobretudo quando se avalia a natureza prospectiva da construção desses saberes.

### PALAVRAS-CHAVE

Ensino de Geografia, Mobilização de saberes, Acervos bibliográficos.

## ENSEÑANZA DE GEOGRAFÍA CON APOYO DE LOS ACERVOS BIBLIOGRÁFICOS E LAS ESCUELAS PÚBLICAS: una experiencia con estudiantes de Pedagogía

### RESUMEN

Este texto presenta discusiones concernientes a una vivencia pedagógica experimentada en el contexto de la disciplina Saberes y Metodologías de Enseñanza de Geografía, en el curso de Pedagogía del Centro de Educación de la Universidad Federal de Alagoas. La experiencia fue pauta en la articulación de la teoría y la práctica, centrándose la discusión en los aspectos geográficos y las posibilidades de trabajo en el aula de los libros que componen las colecciones de las bibliotecas existentes en las escuelas, que viene de las políticas públicas gubernamentales con el fin de contribuir a la producción del conocimiento en esta formación del espacio-tiempo. Los datos fueron constituidos en base a las exposiciones orales y registros evaluativos. Las apreciaciones fueron agrupadas en un conjunto de tres categorías, a saber: movilización de saberes necesarios en la docencia de la geografía, la agudeza analítica en la articulación teoría-práctica y posibilidad de pensar el futuro en el presente. Se evalúa que el uso de los libros de dominio literario y la lectura de los artículos de fundamentación teórica-metodológica propiciarán a los estudiantes rever sus concepciones de geografía y de enseñanza y aprendizaje. Además destaca la necesidad de que el profesor debe estar familiarizado con las políticas educacionales y ser conocedor de los materiales por ellas producidos, un saber considerado importante, sobre todo cuando se evalúa la naturaleza prospectiva de la construcción de esos saberes.

### PALABRAS CLAVE

Enseñanza de Geografía, Movilización de Saberes, Acervos bibliográficos.

### Palavras Iniciais

Os diálogos entre Geografia e Educação foram intensificados e mais visibilizados nas últimas décadas, desencadeando discussões que se almeja que cheguem às escolas e, especificamente, aos professores que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental.

De acordo com Goulart (2011, p. 21) mesmo não sendo preocupação recente, ensinar Geografia tem ganhado maior destaque, particularmente no que diz respeito aos anos iniciais, estendendo-se, inclusive, à formação de seus professores. Considerando-se que a docência está na base da identidade do curso de Pedagogia, os componentes curriculares voltados para o ensino – e neste contexto, o de Geografia – agregam igualmente uma preocupação com modos de aprender a ser professor na formação inicial.

Nessa perspectiva, é possível perceber rebatimentos nas políticas educacionais do que vem sendo objeto de investigação no âmbito dos estudos e pesquisas voltados para a geografia escolar, assim como de práticas que vêm sendo experienciadas nas escolas e na formação inicial ou continuada de professores.

No âmbito das políticas educacionais, merece destaque a distribuição de acervos voltados tanto para os alunos quanto para os professores, considerando-se, inclusive, a necessidade de aprofundamento de referenciais teórico-metodológicos.

Assim sendo, apresentamos neste artigo uma vivência pedagógica desenvolvida em turmas da disciplina Saberes e Metodologias do Ensino de Geografia, do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas (CEDU/UFAL), que consistiu em trabalhar livros componentes do Programa Acervos Complementares (AC) que integra o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) disponíveis nas escolas públicas. Ressaltamos não só os modos de encaminhamento de uma vivência experienciada<sup>1</sup>, mas, sobretudo, a avaliação realizada pelos estudantes envolvidos no trabalho.

No intuito de contextualizar a existência de acervos diversos destinados aos alunos e aos professores é importante ressaltar que tais materiais chegam às escolas por meio do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE e PNBE do PROFESSOR) e o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Este último incluiu os Acervos Complementares as áreas do conhecimento (AC), cujos livros abordam conteúdos dos componentes curriculares, incluindo a Geografia.

Além dos materiais oriundos dos programas acima referidos, a Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação (SEB/MEC) vem publicando, desde 2004, a coleção Explorando o Ensino que visa apoiar o trabalho dos professores na sala de aula. Em 2010, produziu um volume específico sobre Geografia contendo “textos que trazem reflexões de ordem teórico-metodológica no campo da ciência geográfica, destinados especialmente aos professores que atuam nos anos iniciais”, conforme destacou Buitoni (2010, p. 18) na introdução do citado material.

A referida autora chama atenção ainda para a preocupação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD/2010) em estabelecer relações com a ampliação do ensino fundamental, destacando que o propósito da publicação foi o de “[...] estimular o professor/professora dos anos iniciais, que não tem graduação em geografia, a selecionar

---

<sup>1</sup> Assume-se aqui o significado de experienciar como o ato de submeter à experiência para avaliação do outro com vistas a sofrer modificações, redirecionamentos.

com mais liberdade e autoconfiança os livros de referência e os materiais didáticos disponíveis ao preparo de suas aulas” (BUITONI, 2010, p. 21).

Na mesma perspectiva de formação continuada foram distribuídos, por meio do PNBE DO PROFESSOR, livros de fundamentação para o ensino, voltados à discussão da Geografia para os anos iniciais. Vale ressaltar que muitos deles constantes nas referências bibliográficas das disciplinas ministradas nos cursos de Pedagogia, com as quais trabalhamos na universidade.

Consideramos que tais materiais, guardadas as especificidades do seu contexto de produção, concepção e utilização, estão em consonância com as proposições das pesquisas empreendidas por pesquisadores da geografia escolar em que apontam para a relevância do trabalho com diferentes linguagens (PORTUGAL, *et al.*, 2013), para a articulação da literatura com a geografia (FERRAZ & BERARDI, 2013), bem como para o entendimento de que o espaço é, ao mesmo tempo, físico e simbólico (LOPES, 2008).

As obras dos Acervos Complementares podem/devem viabilizar, ainda que mais pela forma de trabalho do que pelo conteúdo em si, proposições oriundas das pesquisas desenvolvidas no âmbito, inclusive, da “geografia da infância”, dentre as quais destacamos: a prática de dar vez e voz às crianças; de propiciar uma imersão no seu contexto cultural, mas também em outros; e de permitir que vivenciem o espaço em suas múltiplas dimensões. Afinal, como bem nos lembra Lopes (2008, p. 78), as crianças “[...] apreendem o espaço em suas escalas vivenciais, a partir de seus pares, do mundo adulto, da sociedade em que estão inseridas”. Daí defendermos que a leitura dos livros dos AC pode contribuir nesse processo.

Nessa perspectiva, os AC apontam não somente para metodologias “alternativas”, mas também veiculam e/ou mobilizam linguagens diversificadas (poesias, linguagem cartográfica, fotografias). Linguagens estas que vêm se constituindo como objeto de estudos ou experimentações pedagógicas em pesquisas desenvolvidas no âmbito acadêmico, inclusive como recurso na formação de professores (SILVA, 2011; AGUIAR *et al.*, 2009; OLIVEIRA JR., 2011).

Destacamos que, do ponto de vista teórico-metodológico, os materiais que chegam às escolas apontam para novos desenhos curriculares, inclusive nos cursos de formação de professores. Mediante a profusão de tantos materiais e, além disso, considerando o nosso campo de atuação como professoras da disciplina Saberes e Metodologias do Ensino de Geografia 1 e 2 do curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas (CEDU/UFAL), intencionamos partilhar uma das nossas vivências de modo que, nesta perspectiva de um processo vivido

pensado, possa contribuir para as discussões relacionadas à formação inicial dos pedagogos e o ensino de geografia.

O objetivo principal deste trabalho é, pois, refletir sobre as respostas/apreciações/avaliações de estudantes de Pedagogia em relação a essa vivência, na perspectiva de analisar as suas possíveis contribuições ao processo de construção de saberes necessários à docência no ensino de geografia. Nessa direção, a questão que mobiliza o exercício desta análise pode ser formulada nos seguintes termos: quais os sentidos que os alunos atribuem à vivência experienciada na disciplina e que podem ser lidos como contribuições ao processo de construção dos seus saberes, tendo como foco a docência em geografia?

Consoante com a perspectiva teórica apresentada por Tardif (2014) que enfatiza a multiplicidade de saberes a serem mobilizados pelos docentes quando da sua formação/atuação, incluindo-se os disciplinares, os curriculares, os pedagógicos, os experienciais, e ainda que “[...] todo saber implica um processo de aprendizagem e de formação” (TARDIF, 2014, p. 35), assumimos o desafio de operacionalizar esta proposição na perspectiva do presente, visando contribuir com a atuação dos futuros professores.

A vivência pedagógica aqui apresentada pode ser vista como contributo à construção de saberes, igualmente necessária a todos que ensinam. Na esteira da especificidade do saber que se pretendeu mobilizar por meio da vivência avaliada pelos graduandos de Pedagogia, recorreremos a Roldão (2010, p. 30) para explicitar que se trata de “[...] saber analisar e avaliar como se ensinou: conhecimento reflexivo que permite ao docente reanalisar reflexivamente a sua ação, retroagir ou reorientar em função da análise feita”. Nas palavras da autora, um conhecimento regulador.

## De uma vivência proposta a uma experiência analisada

Visando ratificar a proposição de que a formação para a docência requer a mobilização de saberes de diversas ordens, incluindo-se os relativos à escola, aos educandos, às políticas educacionais e às produções de pesquisas, assumimos o desafio de ler, discutir e articular essa diversidade de fontes no percurso da disciplina Saberes e Metodologias do Ensino de Geografia.

Na disciplina citada, o ensino de Geografia tem sua especificidade indicada pelos termos “saberes” e “metodologias”. Isso nos motivou a pensar esta articulação na

perspectiva dos saberes necessários à docência de modo geral; e da geografia, em particular. Ou seja, nossa intenção era não só de operacionalizar a metodologia como parte da Didática da Geografia, mas também como *modus operandi* da área. Conforme esclarece Lastória (2009, p. 297), a metodologia “[...] refere-se às estratégias didáticas específicas e ao estudo dos métodos e técnicas para ensinar determinado conteúdo geográfico”.

Destarte, conhecer no âmbito das políticas educacionais, os materiais que chegam às escolas, as pesquisas empreendidas na área do ensino de geografia, de modo a articular esses conhecimentos, foi o que nos propusemos a mobilizar no espaço-tempo formativo dessa disciplina, que ministramos nas turmas do sétimo e oitavo período do curso de Pedagogia.

A nossa experiência com textos e livros do domínio literário para discutir conceitos e categorias geográficas, bem como potencializando os atributos dos saberes e conceitos geográficos, nos fez optar por explorar os títulos dos AC distribuídos pelo PNLD. Inicialmente, os alunos foram explorando esse material por meio da leitura dos manuais que acompanharam os AC em suas edições de 2010 e 2013.

Cabe destacar que o material supracitado, além de explicar a política focalizada em suas dimensões de finalidades e concepções, dedica um espaço para cada uma das áreas do conhecimento apresentada em suas especificidades, destacando-se os conceitos, objetivos e temáticas pelas quais se pautaram a escolha dos títulos.

Em relação aos livros dos acervos das obras complementares, destacamos no manual a seguinte ponderação: “[...] ao contrário das coleções didáticas, os livros dos Acervos Complementares não foram escritos para o professor, com o objetivo de concretizar um plano de curso e estabelecer os roteiros de suas respectivas aulas” (ACERVOS COMPLEMENTARES, 2009, p. 9). Tal alerta aponta para o caráter dinâmico que esse material assume, ao tempo em que se apresenta como um convite, um desafio para o professor planejar uma aula ou sequência didática a partir de um livro não disciplinar, que agrega aspectos lúdicos, comporta diversas linguagens e que rompe com as chamadas listas ordenadoras de conteúdos.

Consta ainda no manual que, mesmo os livros tendo um “[...] interesse didático-pedagógico, na medida em que abordam conteúdos curriculares [...]”, o tratamento dado aos conteúdos “[...] combina o rigor conceitual com a curiosidade infantil, o jogo e, muitas vezes, a ficção, permitindo ao aluno um acesso lúdico e interdisciplinar ao objeto de ensino-aprendizagem em questão” (*Ibid.*, p. 11). Essa foi a razão pela qual muito nos interessou esse tipo de recurso didático.

Mediante as ponderações explicitadas, alguns pontos merecem destaques. São eles:

- a) uma preocupação com a criança e o modo como pode/deve aprender;
- b) uma tendência a incorporar e dialogar com os saberes advindos das pesquisas relacionadas ao ensino, ao currículo, a infância;
- c) uma necessidade de que seja incorporado às práticas o princípio da interdisciplinaridade; e
- d) a possibilidade de um espaço de “autoria” para mobilização do saber-fazer dos professores.

Com base nesses aspectos, propusemos aos graduandos em Pedagogia uma articulação dos materiais distribuídos às escolas, incluindo-se os de formação e os destinados aos alunos - os títulos dos Acervos Complementares e outros do PNBE - com os textos trabalhados no período letivo. A intenção era que, além da mobilização de saberes diversos, os graduandos pudessem partilhar a construção desses diferentes saberes por meio da realização de um trabalho que envolvesse discussão oral e produção escrita, bem como a realização de uma avaliação da experiência como *vivido que é pensado, narrado*<sup>2</sup> (BENJAMIN, 2011), na perspectiva do saber-fazer-dizer<sup>3</sup> (VILAR, 2003) dimensão ainda pouco exercitada em nossas práticas.

Feitos estes esclarecimentos, apresentamos o encaminhamento da vivência pedagógica realizada durante o primeiro semestre letivo de 2013. Inicialmente, os estudantes fizeram a leitura dos manuais que acompanham os Acervos Complementares, disponibilizados no *site* do Ministério da Educação, para conhecerem: a política em questão, as discussões relacionadas especificamente à Geografia, bem como os títulos dos acervos apresentados sob a forma de resenhas. Em seguida, eles foram às escolas para conhecer esses livros. Uma vez escolhidas as obras para o trabalho, sorteamos a divisão delas entre os grupos formados. Cada grupo era responsável pela digitalização do livro que ficara sob a sua responsabilidade de modo a favorecer a apresentação e a discussão na turma sobre a potencialidade de seu conteúdo para o ensino de Geografia.

Como o nosso objetivo não é apresentar a produção em si, considerando que não adotamos a perspectiva de modelos e receitas de aula, mas, sim, a partir de uma discussão coletiva com os pares, favorecer a construção de um saber reflexivo, regulador,

---

<sup>2</sup> Tomamos de empréstimo a perspectiva benjaminiana ao explicar que na vivência, a ação se esgota no momento de sua realização; na experiência a ação é contada a outro, compartilhada.

<sup>3</sup> Expressão inspirada em Therrien e Souza (2000).

temporal e evolutivo, optamos apenas por apresentar o roteiro que resultou no trabalho final da disciplina, a saber:

1. Realizar uma sinopse de um livro do “Acervo Complementar - as áreas do conhecimento”, focalizando os aspectos geográficos e possibilidades de trabalho na sala de aula; lembrando que a Geografia pode estar presente no livro de modo mais ou menos explícito ou sugerido por outros elementos: título, ilustrações, poema, situação;
2. Identificar noções, conceitos ou conteúdos que emergem no texto, justificando sua relevância para os anos iniciais;
3. Discutir as possíveis formas de trabalhar a Geografia com as crianças a partir do livro com indicações das atividades que podem ser feitas, sistematizando-as em um plano de aula ou sequência didática; e
4. Estabelecer um diálogo com os PCN de Geografia, livros didáticos e com artigos relacionados à temática veiculada no/a partir do título do livro.

Na sistematização da vivência pedagógica os estudantes foram distribuídos em grupos, com o número máximo de cinco componentes. Cabe enfatizar que a proposta incluiu a exposição oral do livro orientador da vivência, com apoio de recursos multimídia para que todos pudessem ter acesso ao seu conteúdo, de modo a favorecer a discussão que se travava assim como o planejamento para a realização do trabalho com o livro. Já na produção escrita, um roteiro guiou a natureza do conteúdo com a solicitação de que a escrita/produção final tivesse a forma de artigo.

Desse modo, os estudantes tiveram a oportunidade de fundamentar teoricamente seus conhecimentos e, também, exercitar uma escrita acadêmica. Por fim, essa vivência pedagógica foi avaliada no formato de apreciações expressas oralmente, possibilitando uma discussão coletiva, e, ao mesmo tempo, no formato de registros escritos.

Os estudantes trabalharam com um título do Acervo Complementar, lido sob as lentes dos demais materiais de formação distribuídos às escolas, muitos deles constantes na nossa bibliografia de trabalho, além de outros textos discutidos durante o curso.

Considerando que a proposta de trabalho estendeu-se por todo o semestre letivo foi possível acompanhar iniciativas diversas por parte dos estudantes, a exemplo da localização de outros títulos; a identificação dos acervos nas escolas, uma vez que realizavam estágio curricular supervisionado no sétimo e oitavo períodos; além de experimentações realizadas com crianças com as quais tinham relações de proximidade.



Os estudantes foram orientados a considerarem nas suas discussões os eixos apresentados por pesquisadores que se voltam para os anos iniciais do ensino fundamental, a exemplo dos propostos por Oliveira Jr. [et al.] (2003), bem como se orientaram pelos grupos temáticos apontados nos manuais<sup>4</sup> (2009/2012) que acompanham os Acervos Complementares.

Para melhor situar o leitor, os eixos e grupos temáticos são apresentados nos quadros 1 e 2, com a indicação dos títulos<sup>5</sup> associados e que foram trabalhados pelos graduandos por ocasião da vivência.

**Quadro 1: Proposta de organização por eixos para abordagem dos conhecimentos geográficos nos anos iniciais do ensino fundamental**

<b>Eixos</b>	<b>Títulos associado</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• As diversas identidades sociais;</li> <li>• Trabalho;</li> <li>• Lugar;</li> <li>• Mapa;</li> <li>• Raciocínio por escala (espacial e temporal)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Este mundo é uma bola (Guto Lins)</li> <li>• Ponto por ponto, costura pronta (Lúcia Pimentel Goés)</li> <li>• Na venda de Vera (Hebe Coimbra)</li> <li>• Um passeio pela escola (Cláudio Martins)</li> <li>• O jabuti, o menino e o jabuti (Marcelo Pacheco)</li> </ul>

Fonte: Organizado pelas autoras com base em Wenceslau Jr. [et al.] (2003).

**Quadro 2 - Grupos temáticos considerados na análise e seleção de títulos dos acervos complementares**

<b>Grupos temáticos</b>	<b>Títulos associado</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Circulação e transportes,</li> <li>• O mundo do trabalho</li> <li>• As relações cidade-campo</li> <li>• A cidade</li> <li>• As noções de escala e a diversidade social.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Como vou? (Mariana Zanetti [et al.]</li> <li>• Ossos do ofício (Gilles Eduar)</li> <li>• Viagens de um pãozinho (Sérgio Meurer)</li> <li>• Cena de rua (Ângela Lago)</li> <li>• Eu e minha luneta (Cláudio Martins)</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Paisagem e cultura,</li> <li>• Natureza e questões socioambientais;</li> <li>• Espaço rural e espaço urbano;</li> <li>• Interação sociedade/ natureza</li> <li>• O mundo em diferentes escalas: lugares, regiões, territorialidades</li> <li>• Representações gráficas e cartográficas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• As histórias e os lugares (Elias José)</li> <li>• Doce água doce (Regina Rennó);</li> <li>• A caminho da escola (Fábia Terni)</li> <li>• O caminho do rio (Elza YasukoPassini)</li> <li>• Esta casa é minha (Ana Maria Machado); As casas de ontem e de hoje (Carlos Reviejo)</li> <li>• Onde estamos (Ely Barbosa)</li> </ul>

Fonte: Organizado pelas autoras com base nos manuais dos Acervos Complementares (2009/2012).

<sup>4</sup> Participaram dessa produção os pesquisadores geógrafos Eliseu Sposito, Marísia Buitoni e Nídia Pontushka (2009); Buitoni e Genylton Rego (2012), dentre outros.

<sup>5</sup> Considerando que os eixos dialogam entre si, alertamos que os títulos propostos não se limitam apenas a um deles, mas que possibilitam interfaces.

Com relação aos temas apresentados, tanto nos manuais dos Acervos Complementares quanto nas proposições dos citados pesquisadores, é possível perceber sua articulação com uma tendência curricular contemporânea que se distancia das chamadas listagens de conteúdos, favorecendo deste modo o trabalho com metodologias de projetos e com linguagens diversificadas a exemplo da imagética e da literária.

Ademais, é perceptível uma preocupação com as categorias geográficas, com a cartografia escolar e com a dimensão de aspectos sociais, inclusive na abordagem do tema identidade. Mais ainda, nota-se um chamado para o elemento escala em sua dimensão geográfica e não apenas cartográfica (matemática), razão pela qual se acrescenta as adjetivações temporal e social.

Vale salientar que, de modo geral, o conjunto dos temas apresentados foi abordado em artigos constantes na publicação do material de Geografia destinado aos professores dos anos iniciais no âmbito da coleção “Explorando o Ensino” (2010).

Na seção seguinte, focalizamos nossas análises acerca da avaliação da vivência realizada e, por extensão da disciplina do curso, apresentando e discutindo uma parte do *corpus*, a saber: as falas e registros obtidos como expressão da reflexão empreendida pelos docentes em formação.

Investimos, portanto, na construção de um saber dizer, dimensão que, a nosso ver, complementa a marca distintiva dos saberes necessários à docência, reafirmando que não basta saber ou mesmo fazer, mas que a tríade saber-fazer-dizer deve andar junta no percurso formativo dos professores, ou seja, é preciso exercitar-se também numa habilidade de fala, escrita, explicação, de modo a contribuir com o movimento relacional entre teoria e prática.

## Os sentidos atribuídos pelos graduandos à vivência pedagógica

Analisamos, nesta seção, as respostas/apreciações dos estudantes relativas à vivência apresentada em suas proposições, lida como experiência na perspectiva do vivido pensado.

Focalizamos em nossas análises as possíveis contribuições propiciadas ao processo de formação dos participantes como também da co-construção de saberes docentes, dialogando com os estudos sobre formação docente e geografia escolar.

Metodologicamente, os dados foram constituídos com base nas exposições orais e registros avaliativos realizados ao término da disciplina, sendo agrupadas as

apreciações em um conjunto de três categorias – pautadas na dimensão reflexiva, a saber: mobilização de saberes para a docência em Geografia, acuidade na articulação teoria-prática e possibilidade de pensar o futuro no presente. Os estudantes, que elaboraram os registros orais e escritos, são identificados por nomes fictícios com o intuito de assegurar o anonimato<sup>6</sup>.

No âmbito da categoria **mobilização de saberes para a docência em geografia** incluímos os depoimentos que se voltaram para a vivência na perspectiva de retrospecto, destacando elementos mais relacionados ao saber pedagógico, conforme sugerem as falas a seguir:

Tivemos a oportunidade de conhecer estratégias didáticas mais diversificadas, além de discutir possibilidades de integrar outros componentes curriculares. E o que foi melhor: a gente sabia que estava ensinando Geografia, mas às crianças nem precisavam saber que aquele conteúdo era de Geografia. (Topázio)

Os títulos dos acervos complementares e também outros que são de literatura infantil me fizeram ver que a geografia não está no livro com o nome da matéria, mas que pode ser provocada pelas imagens dos livros, pelas perguntas feitas pelo professor, pelas leituras das crianças. Daí ser importante perguntar a partir do livro sobre a relação entre as pessoas (personagens); os modos de vida e de trabalho; o que mudou e por que, dentre outras perguntas. (Ágata)

Percebi que pensar um trabalho com as crianças requer muitos saberes... Também tem a mediação do professor, eu tinha a perspectiva de informar. A leitura e discussão do texto sobre a construção de conceitos foi muito importante para repensar a prática com as crianças. (Turmalina)

As enunciações deixam entrever que os estudantes reconhecem as lacunas relativas não somente ao modo de ensinar, mas também em relação aos conteúdos geográficos, apontados nas pesquisas como um dos grandes problemas de/na formação dos professores dos anos iniciais. Levando em conta que os saberes dos professores têm uma forte dimensão experiencial e que a relação que tiveram com a disciplina Geografia, desde a escola, é narrada como não muito agradável, sobretudo pela forma descritiva e maçante com que lhes fora apresentada, há que se considerar que outra relação com a disciplina começa a ser construída.

A menção feita por Turmalina, acerca da necessidade de desenvolver a habilidade de mediação por parte do professor, aponta para um aspecto importante requerido no exercício da docência, considerando os sujeitos com os quais os professores irão trabalhar – as crianças, bem como a diversidade de materiais disponíveis.

---

<sup>6</sup> Os nomes de pedras preciosas substituem os dos sujeitos das/nas enunciações. Escolha feita considerando a sua dimensão valorativa. Cabe destacar que tais enunciações foram compostas de modo a complementar, por vezes, fala e escrita de autoria do mesmo sujeito, tendo o tema/categoria como referente.

Avaliamos que citar um texto lido é ir além da simples referência teórica, mas um reconhecimento de que se faz necessário como elemento esclarecedor ou de apoio às práticas, sobretudo por meio da sua discussão.

Por meio da categoria **acuidade na articulação teoria-prática**, selecionamos enunciações que revelam a necessidade dessa articulação, distanciando-se das concepções que privilegia a primazia de uma sobre a outra.

A aprendizagem foi facilitada na disciplina por que nos exercitávamos constantemente na relação da teoria com a prática, de modo que a teoria foi fazendo sentido para pensarmos propostas de aulas, aprendermos conteúdos/conceitos sobre os quais não tínhamos domínio (Safira).

Poder conhecer os materiais que estão nas escolas e que muitos professores ainda nem sabem da sua existência começou a dar sentido a minha formação. O que estudo na Universidade não é somente teoria. A prática e a teoria caminharam juntas nessa experiência (Ametista).

A Proposta de trabalho em forma de artigo nos permitiu mais que praticar uma escrita acadêmica, exercitar a relação teoria-prática e aprender mais geografia (Rubi).

Nestes registros percebemos uma ressignificação da relação teoria-prática, assinalada pelo destaque de que a teoria pode ser utilizada para propor atividades, e que, no âmbito desta relação, o vínculo entre a escola e a universidade, assim como a vivência de situações de ação-reflexão-ação favorecem ainda mais essa imbricação. A teoria e a prática não têm um lugar pré-determinado, como costumam pensar. Ou seja, colocando a universidade como lugar da teoria e a escola como lugar da prática. Pode-se praticar na universidade e ler e aprender textos teóricos na escola.

A referência à expressão “dar sentido à minha formação”, conforme a enunciação de Ametista, certamente advém da percepção da possibilidade de relacionar teoria e prática, inclusive como passível de ser experienciada no espaço tempo-formativo vivido.

A percepção da escrita como instrumento ou modo de exercitar-se, apre(e)nder a relação teoria-prática também merece destaque, o que nos permite corroborar com Reichwald Jr., a assertiva de que “[...] escrever também é um desafio para o/a professor/a, pois refletir sobre os temas da geografia escrevendo não é a mesma coisa que pensar e/ou falar sobre os mesmos” (2001, p. 72).

Finalmente, a categoria que mais está associada à ideia de movimento, atrelada igualmente a de formação como processo incompleto, apontando para uma dimensão mais experiencial e evolutiva do saber, é indicada como a **possibilidade de pensar o**

**futuro no presente.** Nas falas apresentadas os estudantes destacam aspectos que podem/devem prospectar a docência futura.

Pensei que sabia Geografia, mas as minhas dificuldades revelaram que não. Precisei aprender [...] estou aprendendo a identificar a geografia presente nos livros, no nosso dia-a-dia. Parece que a professora vê geografia em tudo! (Esmeralda)

É muito difícil o ensino da Geografia para as crianças. Para mim foram muitas as novidades. As minhas lacunas de conhecimento geográfico são muito grandes. Poder pensar uma prática auxiliada por meus colegas e professores, no caso da experiência vivida, foi muito enriquecedor. Sinto-me mais preparada para enfrentar uma sala de aula. Foram muitos *insights*! (Turquesa)

Nesta disciplina, principalmente, ao realizar esta atividade eu comecei a me ver mais como professora dos anos iniciais e me senti mais encorajada tanto para aprender geografia quanto para pensar em ensiná-la para as crianças. Para mim geografia não era uma matéria apropriada para elas! Tenho que estudar muito. (Opala)

Se considerarmos que o aprendizado deve ser prospectivo, é possível identificar nas falas dos estudantes que esse aspecto articula-se plenamente à dimensão formativa no contexto do processo de construção dos saberes docentes, sobretudo se considerarmos sua dimensão experiencial, temporal e evolutiva. A possibilidade de ensaiar-se em práticas futuras não foi uma simulação de aula, mas uma projeção de ações e conhecimentos partilhados porque contou com a colaboração de todos.

Ao avaliarmos a vivência pedagógica em foco, a partir das apreciações/reflexões apresentadas pelos participantes, destacamos que, ao tempo que perceberam a contribuição do grupo na (re)construção de saberes, realçaram, em suas ponderações, a interação entre os pares como princípio pelo qual se pautaram as vivências, uma vez que a apresentação tanto do livro quanto do planejamento em sua articulação teoria-prática foram objeto de discussão entre os estudantes que participaram da vivência.

De modo geral, percebemos um contínuo entre as três categorias analíticas apresentadas, o que sugere um entrelaçamento dos saberes mobilizados por meio da vivência, como aspecto que favorece o contexto avaliativo, mas também formativo, aproximando-os de saberes que podem ser considerados como necessários à docência.

Cientes de que os saberes dos professores não são exclusivamente de ordem teórica ou prática, mas que também podem reverberar-se em/por meio de interações humanas, sendo por estas demarcadas, reafirmamos, com base nesta proposição e na avaliação/validação da experiência vivida-pensada (antes, durante e após sua realização), que os estudantes puderam percorrer um possível caminho para essa construção.

Na análise empreendida, cujos resultados definimos como (in)conclusivos, considerando que outras possíveis leituras e/ou reordenamentos podem/devem ser incorporados, inclusive em vivências futuras, foi possível perceber que os participantes atribuíram sentidos múltiplos ao vivido pensado. Fizeram isso destacando aspectos de ordem teórica, prática e de contribuição ao processo de construção de saberes que consideraram necessários à docência em geografia, enfatizando a possibilidade de ensaiar-se em várias funções requeridas na/ pela docência assim como na produção de conhecimentos também via escrita acadêmica, o que lemos como articulação do saber-fazer-dizer e relevância da vivência pedagógica, principalmente pela forma de ensaiar/pensar a docência no futuro do presente.

### Palavras finais

Avaliamos, neste texto, as apreciações/reflexões apresentadas por estudantes de Pedagogia, concernentes a uma vivência pedagógica experienciada no contexto da disciplina Saberes e Metodologias do Ensino de Geografia. Destacamos que a referida vivência foi pautada na articulação teoria e prática, visando contribuir com a produção de saberes necessários à docência ainda nesse espaço tempo-formativo.

Mesmo compartilhando do entendimento de que os conteúdos de aprendizagem e o currículo não são a formação em si, mas apenas meios para a sua realização, uma vez que são os sujeitos em suas interações, apropriações e produção de saberes que vão constituindo seu processo formativo, reafirmamos, com base na avaliação feita pelos estudantes, a relevância da vivência pedagógica da qual participaram com contribuições a esse processo.

As implicações das políticas educacionais estiveram nas bases da vivência em questão, uma vez que integram o campo dos saberes curriculares, pedagógicos e por que não dizer teóricos, notadamente via rebatimentos incorporados e veiculados em materiais distribuídos às escolas advindos do campo das pesquisas em ensino de Geografia, bem como das investigações que se voltam para a infância e à formação docente.

Com relação aos usos dos livros dos Acervos Complementares bem como a leitura dos artigos de fundamentação teórico-metodológica, publicados por meio das políticas educacionais, avaliamos que estes propiciaram aos estudantes rever não somente suas concepções de geografia, mas também de ensino e aprendizagem das

crianças. Afinal, conforme ponderou Callai, “[...] o professor, as suas concepções de educação e de geografia, é que podem fazer a diferença” (2005, p. 231).

Por fim, reafirmamos que, na perspectiva de contribuir com a construção dos saberes docentes, não se pode abrir mão do professor familiarizado com as políticas educacionais, conhecedor dos materiais por elas produzidos e que chegam às escolas públicas de todo o país, um saber considerado importante, sobretudo quando se avalia, igualmente, a natureza prospectiva da construção desses saberes.

## Referências Bibliográficas

AGUIAR, V. T. B.; CUNHA, A. R. C.; SAÇÇO, T. Cartografia e literatura infanto-juvenil: uma parceria na formação de professores. In: **Anais do 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia**. Porto Alegre, 2009.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica: arte e política (Obras escolhidas)**. São Paulo: Brasiliense, 2010.

BRASIL **Acervos Complementares**: as áreas do conhecimento nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental. MEC/SEB: Brasília, 2009.

\_\_\_\_\_. **Acervos Complementares**: alfabetização e letramento nas diferentes áreas do conhecimento. MEC/SEB: Brasília, 2012.

BUITONI, M. M. S. (Coord.). **Geografia: ensino fundamental**. Coleção Explorando o Ensino. v. 22. MEC/SEB: Brasília: 2010. p. 77-87.

CALLAI, H. C. Aprendendo a ler o mundo: a Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental. In: **Cad. Cedes**, v. 25, n. 66, maio/ago. Campinas: 2005. p. 227-247. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 14 ago. 2015.

FERRAZ, C. B. O.; BERARDI, F. B. Geografia e Literatura Infantil: considerações para devires minoritários da educação. In: PORTUGAL, J. F.; OLIVEIRA, S. S.; PEREIRA, T. R. D. S. (Orgs.). **(Geo)grafias e Linguagens: concepções, pesquisas e experiências formativas**. v. 1. Curitiba: CRV, 2013. p. 165-188.

GOULART, L. B.. Aprendizagem e ensino: uma aproximação necessária à sala de aula. In: TONINI, I. M. [et al.]. **O ensino de Geografia e suas composições curriculares**. 1 ed. Porto Alegre: UFRGS, 2011. p. 19-27.

LASTÓRIA, A. C. Didática da Geografia e Geografia Escolar. In: FONSECA, S. G. F. (Org.). **Ensino Fundamental: conteúdos, metodologias e práticas**. v. 1. Campinas: Alínea, 2009. p. 295-312.

LOPES, J. J. M. Geografia das Crianças, Geografias das Infâncias: as contribuições da Geografia para os estudos das crianças e suas infâncias. In: **Contexto & Educação**. Editora Unijuí, ano 23, n. 79, jan./jun. 2008. p. 65-82.

OLIVEIRA JR, W. M.; PICARELLI, A.; LIMA, E. A. B. G. [et al.]. **Cinco eixos orientadores de práticas educativas escolares voltadas a iniciar reflexões sobre o espaço nos primeiros quatro anos do ensino fundamental**. 2003. (Texto-base). Disponível em: <<https://www.fe.unicamp.br/ensino/.../GeoProesfIntroduçãooll.doc>>. Acesso em: 14 ago. 2015.

PORTUGAL, J. E.; OLIVEIRA, S. S. de; PEREIRA, T. R. D. S. (Orgs.). **(Geo)grafias e Linguagens: concepções, pesquisas e experiências formativas**. v. 1. Curitiba: CRV, 2013.

REICHWALD JR. G. Leitura e escrita na geografia ontem e hoje. In: NEVES, I. C. B. [et al.]. (Org.). **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. 2 ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2001.

ROLDÃO, M. C.. Ensinar e Aprender: o saber e o agir distintivos do profissional docente. In: ENS, R. T. e BEHRENS, M. A. (Orgs.). **Formação do Professor, profissionalidade, pesquisa e cultura escolar**. Curitiba: Champagnat, 2010. p. 25-42.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

TERRIEN, J.; SOUZA, A. Cultura docente e gestão pedagógica: a racionalidade prática dos saberes do saber-fazer. In: TERRIEN, J.; DAMASCENO, M. N. (Orgs.). **Artesãos de Outro Ofício: múltiplos saberes e práticas no cotidiano escolar**. 1 ed. São Paulo: Annablume, 2000. p. 111-126.

VILAR, E. T. F. S.. **Ressignificando o saber-fazer/dizer da prática pedagógica de professoras ao ensinar Geografia às crianças do 2º. ciclo**. 2003. 132 f. Dissertação de Mestrado em Educação - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense. Niterói, RJ, 2003.

Recebido em 10 de agosto de 2015.

Aceito para publicação em 30 de janeiro de 2016.